

SOCIOLOGIA DA GLOBALIZAÇÃO

Teorias da Globalização. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995,
de Octávio Ianni.

por Wagner Iglecias*

Após ter publicado “Sociedade Global”, livro no qual já apontava para questões fundamentais para se pensar o fim do século XX e as transformações que marcam a entrada do novo século, Octávio Ianni, em *Teorias da Globalização*, mapeia as principais teorias que visam esclarecer as condições sob as quais se forma a sociedade global, bem como os desafios criados para as sociedades nacionais. O livro é um compêndio de temas apresentados em debates em ambientes universitários e textos publicados em revistas especializadas e jornais de grande circulação. Consciente de que no ocaso do século XX as ciências sociais se defrontam com um novo desafio epistemológico, qual seja, a tentativa de pensar o mundo como uma sociedade global, Ianni procura analisar o tema com profundidade,

investigando seu desenvolvimento e seus possíveis desdobramentos.

O livro traz muito claramente a idéia de que o paradigma clássico das ciências sociais foi constituído e é desenvolvido na reflexão sobre as formas e os movimentos da sociedade nacional. Mas alerta que a sociedade nacional vem sendo recoberta pela sociedade global. E acrescenta que o conhecimento acumulado sobre a sociedade nacional não é suficiente para se pensarem as configurações e os movimentos da sociedade global, a qual é uma realidade ainda não totalmente reconhecida e codificada. A sociedade global não é a extensão quantitativa e qualitativa da sociedade nacional, pois se constitui como uma realidade original, permeada por desafios empíricos, metodológicos, históricos e teóricos que exigem daqueles que ambicionam pensar a realidade um salto qualitativo no esforço da reflexão, destinado a criar o novo paradigma. Ianni desenvolve seu

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP.



raciocínio elucidando as principais metáforas que têm sido criadas e usadas para dar conta das transformações pelas quais o mundo vem passando. A firma que a proliferação de metáforas ocorre porque estão sendo abalados os modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Assim, cita diversas delas, como “aldeia global”, “fábrica global”, “cidade global”, “nave espacial”, “nova babel” etc. As idéias de fim da história e fim da geografia também são metáforas utilizadas para entender o processo em curso, bem como “sistema-mundo” e “*shopping center global*”. As metáforas produzidas nos horizontes da globalização entram em diálogo umas com as outras, desafiando-se e enriquecendo-se mutuamente. É assim que a sociedade global adquire fisionomia e significados. De metáfora em metáfora chega-se à fantasia, que ajuda a reencantar o mundo, produzindo a utopia. A utopia reencanta o real problemático, difícil, caótico. Num momento em que os quadros de referência se desmancham no ar, qualquer utopia pode permitir a ilusão de um mínimo de articulação.

Ianni aborda o debate entre Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein, notando que o pensamento de ambos privilegia o aspecto econômico na reflexão sobre o curso da história mundial. Tanto para um quanto para outro a história se constitui na sucessão de “economias-mundo” ou sistemas econômicos mundiais. Para Braudel sempre existe um centro econômico dominante ao qual se subordinam zonas dependentes e periféricas. Wallerstein afirma que a economia-mundo, que ele chama de “sistema-mundo” possui organicidade, e nela lutam forças conflitantes

buscando cada qual alcançar seu benefício particular. Braudel entende a história como permeada por estruturas de longa direção, enquanto Wallerstein privilegia a dinâmica das realidades políticas e econômicas do capitalismo, apontando para o fato da expansão contínua do capitalismo. É preciso notar, diz Ianni, que a economia-mundo capitalista está permeada de economias-mundo menores ou regionais, organizadas em moldes coloniais, imperialistas etc; e que ao longo da história das economias-mundo capitalistas houve e continua a haver a ascensão e queda de grandes potências, como centros dominantes de economias-mundo regionais. A partir deste conceito fica fácil entender que neste final de século XX se desenha um novo cenário de economias-mundo regionais, com predominância dos EUA, Europa, Japão, Rússia e China. Ianni alerta para o fato de que Braudel e Wallerstein privilegiam o conceito de Estado-nação em suas análises, e afirma que o dilema está em se constatar se está ou não havendo uma ruptura histórica em grandes proporções, em âmbito global, assinalando o declínio do Estado-nação e a emergência de novos e poderosos centros mundiais de poder, soberania e hegemonia. Após a Segunda Guerra Mundial predominaram os movimentos e as formas de reprodução do capital em escala internacional, alterando as condições dos movimentos e das formas de reprodução do capital em âmbito nacional. Aos poucos, as formas singulares e particulares do capital, âmbitos nacional e setorial, subordinaram-se às formas do capital em geral, conforme seus movimentos e suas formas de reprodução em âmbito internacional. Esse processo vem se aprofundando após o



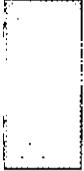
fim da Guerra Fria, com a incorporação das economias planejadas do ex-mundo socialista no âmbito da economia de mercado global. Além disso, com a flexibilização de processos produtivos e com a nova divisão internacional do trabalho, passam a ter papel fundamental na economia globalizada as corporações transnacionais, as quais redesenham os mapas do mundo em termos geoeconômicos e geopolíticos bastante diversos daqueles traçados pelos mais importantes Estados nacionais.

Na base da internacionalização do capital estão a formação, o desenvolvimento e a diversificação da chamada “fábrica global”. O mundo transformou-se numa imensa e complexa fábrica, conjugada ao “*shopping center global*”. Intensificou-se o processo de dispersão geográfica da produção, compreendendo capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social, planejamento e mercado. A nova divisão internacional do trabalho envolve e agiliza, sob base das técnicas eletrônicas, o neofordismo, o toyotismo, a flexibilização e a terceirização. A fábrica global não globaliza só o processo produtivo, mas o faz também com as relações de produção, mundializando as instituições, os princípios jurídico-políticos, os padrões sócio-culturais etc. Passa-se da industrialização substitutiva de importações para a industrialização orientada para a exportação, simultaneamente à desestatização, à desregulação, à privatização, à abertura de mercados e à monitoração das políticas econômicas nacionais pelas instituições multilaterais como FMI e Banco Mundial. As condições e possibilidades de soberania, projeto nacional, emancipação nacio-

nal, revolução social etc., passam a estar determinadas por exigências de instituições e corporações transnacionais ou mundiais que pairam acima das nações. A moeda nacional passou a ser apenas reflexo da moeda mundial. O aparelho estatal é levado a reorganizar-se ou “modernizar-se” segundo as exigências do funcionamento mundial dos mercados, dos fluxos dos fatores de produção etc. A divisão do trabalho é levada ao extremo, na qual a fragmentação é o processo geral. A internacionalização do capital é a internacionalização do processo produtivo, e também a internacionalização da questão social.

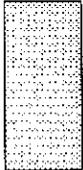
Ianni afirma que está em marcha um processo de desterritorialização. O fluxo de dinheiro é apenas virtual, eletrônico, entre os diversos mercados. O capital financeiro adquire mais força do que em qualquer outra época, dadas as redes e circuitos informatizados, por onde as transnacionais e os bancos movem o capital por todos os centros do mundo. Todas as corporações, mesmo as tipicamente industriais, têm em suas aplicações financeiras um elemento central do processo de acumulação do capital. O poder real não está nos grandes escritórios das transnacionais, mas nos mercados financeiros, dado que estas são também estrangidas e controladas pelo capital financeiro. Tanto as corporações quanto aqueles que controlam o poder político nacional são controlados pelos mercados financeiros.

A idéia do Estado nacional como ator, ainda muito forte na dinâmica da globalização, continua sendo defendida por diversos autores, que supõem como essência do Estado a soberania. Seus estudos reconhecem as disparidades entre os



Estados nacionais, quanto à capacidade de atuação no cenário mundial, e entendem o mundo como uma coletividade de nações diversa e desigual, mas tendem a vê-lo como um todo que se volta para a interdependência negociada, administrada, pacífica. Supõem a paz entre as nações dominantes e subordinadas, ou centrais e periféricas, como tendência necessária, predominante ou ideal realizável. Ianni lembra que no âmbito do sistema mundial permanece o problema da hegemonia, do Estado-nação mais forte e influente, monopolizando técnicas de poder e oferecendo ou impondo diretrizes aos outros Estados. Ele afirma que a teoria sistêmica envolve geralmente as noções de evolução e modernização do capitalismo. Ela contempla o suposto de que a organização e a dinâmica prevaletes tendem a pautar-se pelas sociedades modernas mais desenvolvidas, dominantes, centrais ou hegemônicas; há um evidente ocidentalismo quando se entende os atores, as partes, os segmentos menos “desenvolvidos” como arcaicos, periféricos ou marginais. A própria noção de hegemonia, na análise sistêmica, pressupõe que o hegemônico não só centraliza e dirige, mas também orienta, impõe ou implementa diretrizes destinadas a tornar os tradicionais em modernos. Há na teoria sistêmica a idéia de que o capitalismo ocidental é um processo civilizatório não só “superior”, mas também mais ou menos inexorável. Tende a desenvolver-se pelo mundo afora, generalizando padrões, valores e instituições ocidentais, ainda que tenha, em muitos casos, de combinar com padrões, valores e instituições locais, mas em geral predominando.

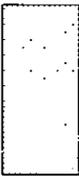
Na época da globalização, mundializam-se as instituições mais típicas e sedimentadas das sociedades capitalistas dominantes. Os princípios envolvidos no mercado e no contrato generalizam-se, tornando-se padrões para os mais diversos povos, organizações da vida social, organizações do trabalho, culturas e civilizações. Mercado, livre-empresa, produtividade, desempenho, consumismo, lucratividade, tecnificação, automação, robotização, flexibilização, informática, telecomunicações, redes, realidades virtuais, atravessam ilhas, arquipélagos, continentes. Barreiras locais, nacionais, regionais, continentais, culturais, civilizatórias, linguísticas, religiosas são ultrapassadas pelas relações, processos e estruturas dinamizadas pela modernização, em geral traduzida em técnicas sociais de produção e controle. Muito do que se faz e se pensa no mundo passa a pautar-se pelo que é, parece, ou pode ser moderno. E tudo o que parece ou pode ser moderno, modernizado, modernizável ou modernizante traduz-se necessariamente em prático, pragmático, técnico, instrumental. A tecnologia, como forma de organizar a produção que caracteriza a era da máquina, é um modo de organizar as relações sociais, as manifestações predominantes do pensamento, os padrões de comportamento e um instrumento de controle e dominação. No mesmo curso da modernização do mundo e da globalização do capitalismo, prossegue a generalização do pensamento pragmático ou tecnocrático. As técnicas da modernização são monopolizadas ou administradas pelos que detêm o poder, em sociedades atravessadas por desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais, e é evidente que



elas tendem a ser manipuladas de modo a reiterar e desenvolver as estruturas prevaletentes, em suas diversidades e desigualdades. Cabe ressaltar o papel decisivo da mídia eletrônica, organizada em redes planetárias, na formulação, difusão, alteração e legitimação de padrões, valores e instituições modernos, modernizados, modernizáveis ou modernizantes. A indústria cultural de McLuhan viabilizou-se e transformou-se num poderoso setor de produção de mercadorias, lucro e mais-valia. No âmbito da aldeia global, tudo tende a tornar-se representação estetizada, realidade pasteurizada, simulacro, virtual. A mídia torna-se um vasto, complexo e global intelectual orgânico. Constitui-se das estruturas de poder prevaletentes em âmbito mundial, traduzindo as imagens da realidade e as visões do mundo de blocos de poder, composições de classe e grupos sociais que detêm meios e modos de organizar, influenciar, induzir ou dinamizar as estruturas de dominação política e apropriação econômica prevaletentes na sociedade global.

Ianni nos remete a Weber para que lembremos que desde sempre o processo de desenvolvimento do capitalismo é também um processo de racionalização. Aos poucos, as mais diversas esferas da vida social são burocratizadas, organizadas em termos de calculabilidade, contabilidade, eficácia, produtividade, ordenamento jurídico, lucratividade. Neste contexto se formam, generalizam e predominam as tecnoestruturas destinadas a diagnosticar, planejar e implementar diretrizes gerais e decisões especiais. São organizações sistêmicas, expressando a racionalidade instrumental ou técnica predominante no capitalismo.

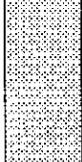
O princípio da quantidade passa a predominar sobre o princípio da qualidade. Ao longo do desenvolvimento do capitalismo o ascetismo parece declinar e o consumismo hedonista, crescer; indivíduos e multidões imaginam que estão realizando a cidadania, confundindo a liberdade e a igualdade de consumidores com os direitos de cidadão. O processo de racionalização passa a submeter o indivíduo aos produtos de sua criatividade. De produto, meio ou instrumento, a tecnologia transforma-se em finalidade, objetivo por excelência, numa surpreendente inversão de meios e fins. Essa é a metamorfose provocada pela racionalização que configura um estágio avançado de desencantamento do mundo, quando de repente o indivíduo e a coletividade se vêem encerrados na gaiola de ferro que construíram, no empenho de levar a racionalização ao extremo da perfeição. Ianni lembra ainda que Marx já havia apontado em seus escritos a vocação do capitalismo em tornar-se mundial, a tendência a influenciar decisivamente todas as formas de organização do trabalho e vida social. Hoje se avalia que o amplo debate sobre a globalização da vida econômica significa principalmente a universalização do capitalismo, posto que não há nenhuma alternativa evidente ao capitalismo em cena. A dinâmica da reprodução ampliada do capital, em escala mundial, tem propiciado uma acentuada concentração do poder econômico, agravando a questão social em âmbito também mundial. Ao mesmo tempo, a globalização reabre a discussão entre planejamento estatal e mercado aberto, típicos da luta ideológica dos tempos da Guerra Fria. Ianni fornece um panorama no qual caem os argumen-



tos da hegemonia do mercado aberto, posto que nunca se planejou tanto as atividades econômicas como neste final do século XX. O que parece irônico é que o lugar onde o planejamento se encontra mais vivo do que nunca é no interior das corporações transnacionais. Elas mobilizam recursos intelectuais, científicos e técnicos com vistas ao objetivo fixo da maximização dos lucros. Os próprios atores políticos predominantes no cenário mundial globalizado sabem que o puro princípio do mercado conduziria a economia global ao caos. Assim, as tecnoestruturas privadas e estatais planejam a expansão e a consolidação dos empreendimentos e da competição. Na economia capitalista o planejamento pode ser mobilizado como uma técnica de realização do excedente econômico potencial, desde que a conjugação das forças produtivas seja a mais eficaz. Na sociedade burguesa ocorrem reorganizações das forças produtivas e das relações de produção, de maneira a racionalizar e dinamizar a produtividade e a lucratividade, sem que necessariamente também hajam mudanças na distribuição do produto social. As maravilhas da ciência e da técnica não se traduzem necessariamente na redução ou eliminação das desigualdades sociais; ao contrário, em geral preservam, recriam ou aprofundam as desigualdades.

Finalmente, Ianni aponta para a questão do abalo epistemológico provocado pela globalização que traz consigo a questão da validade do conceito de modernidade para se pensar a realidade nos dias de hoje. Tendo como pressupostos fundamentais o espaço e o tempo, a modernidade passa a ser questionada quando a razão e a

imaginação geradas desde o Iluminismo são desafiadas pela fragmentação do real disperso pelo espaço e despedaçado no tempo. Quando se acelera a globalização, muitos imaginam que chegou-se à pós-modernidade. É neste contexto que revelam-se novas formas sociais do espaço e tempo. Pluralizam-se e entrecruzam-se em moldes desconhecidos, ainda não codificados. Dissolvem-se as realidades, diversidades e desigualdades no mundo dos simulacros e virtualidades. Está posto o grande desafio às ciências sociais: seu objeto transforma-se de modo visível e surpreendentemente. Pela primeira vez, somos desafiados a pensar o mundo como uma sociedade global, a qual se constitui como uma realidade original, desconhecida e ainda carente de interpretações. Os estudos e as interpretações da sociedade global até aqui desenvolvidos apresentam algumas características: baseiam-se principalmente nas teorias evolucionista, funcionalista, sistêmica, estruturalista, weberiana e marxista; priorizam certos aspectos da sociedade global, tendo dificuldades em formularem abordagens abrangentes e integrativas; elegem o método comparativo, em geral tendo como referência conceitos como “moderno”, “desenvolvido”, “industrializado” etc. A verdade é que muitos dos conceitos, categorias e interpretações típicos das ciências sociais estão postos em causa. Alguns tornam-se obsoletos, outros perdem parte de sua vigência e há os que são recriados. A realidade social passa por uma revolução, as ciências sociais estão sendo apresentadas a novos e difíceis desafios empíricos, metodológicos, teóricos e epistemológicos, ao mesmo tempo em que vão se descortinando novos



horizontes para o pensamento. Complexa e ainda em processo de formação, a realidade da sociedade global transborda os limites convencionais desta ou daquela ciência social, tornando evidente que qualquer análise mais apurada deve envolver várias ciências. Como afirma Ianni, é necessário entender que a sociedade global se constitui numa totalidade problemática e contraditória, aberta e em movimento; ao mesmo tempo caldeirão de singulari-

dades e concretização da história universal. Cumpre observar que a globalização, entendida como um problema que desafia fortemente as ciências sociais, só é possível ser pensada, ainda que não exclusivamente, mas fundamentalmente, a partir da dialética da história esboçada por Marx e da teoria da racionalização generalizada trazida por Weber, o que demonstra a grandeza, a atualidade e a pertinência desses nossos dois clássicos.■